

## CIÊNCIA

# Os sete conselheiros

Criado há um ano, o grupo de conselheiros científicos da Comissão Europeia já fez **propostas sobre o CO<sub>2</sub> e os glifosatos**

VIRGÍLIO AZEVEDO

Um relatório com propostas concretas para melhorar a forma de medir as emissões de CO<sub>2</sub> dos automóveis da UE e um balanço explicativo do polémico debate sobre os potenciais efeitos cancerígenos do glifosato — o herbicida mais usado na agricultura e nos jardins públicos — são os principais documentos produzidos pelo Grupo de Alto Nível de Conselheiros Científicos da Comissão Europeia, um ano depois da sua criação pelo comissário europeu da Investigação, Ciência e Inovação, Carlos Moedas.

É um grupo de sete cientistas europeus de projeção mundial que inclui a física portuguesa Elvira Fortunato e um Prémio Nobel da Medicina, o britânico Paul Nurse. E foram escolhidos pela necessidade que a Comissão Europeia (CE) sentiu de ser aconselhada nas suas decisões políticas por pareceres científicos independentes de alto nível em todas as áreas do conhecimento, de modo a melhorar a

qualidade da legislação da UE. O grupo está a ultimar agora um novo relatório, desta vez sobre o tema “A Cibersegurança no Mercado Único Digital Europeu”.

Elvira Fortunato, que foi a relatora do parecer “Acabar com a diferença entre as emissões de CO<sub>2</sub> reais dos veículos ligeiros e os testes de laboratório”, sublinha que “estas diferenças chegam a atingir 40%, porque os testes hoje usados não estão adaptados às condições reais de emissão dos automóveis europeus em circulação”. A CE vai estabelecer em breve um novo ciclo de testes e “quer baseá-lo neste parecer, que foi feito de uma forma transparente, porque, além do estudo científico, foram também ouvidos os fabricantes de automóveis”.

A professora catedrática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, pioneira mundial na eletrónica de papel e coordenadora do I3N — Instituto de Nanoestruturas, Nanomodelação e Nanofabricação, considera



FOTO TIAGO MIRANDA

Integram o Grupo de Alto Nível de Conselheiros Científicos da Comissão Europeia a física Elvira Fortunato (Portugal), o biólogo Janusz Bujnicki (Polónia), a especialista em ecologia humana Carina Keskitalo (Suécia), a socióloga Pearl Dykstra (Holanda), o físico Rolf-Dieter Heuer (Alemanha), o matemático Cédric Villani (França) e o Nobel da Medicina Paul Nurse (Reino Unido)

que “a existência deste grupo de Alto Nível é muito importante porque é composto por cientistas totalmente independentes, que fornecem aos políticos da UE ferramentas para decidirem melhor, de forma isenta e rigorosa”.

#### Aproximar cientistas e sociedade

“Seria bom que existisse em cada Estado-membro da UE uma estrutura de aconselha-

mento científico deste tipo”, afirma a cientista, “e Portugal é um dos países que ainda não a têm”. Uma das vantagens é “aproximar mais os cientistas da sociedade, de modo a que esta possa estar mais informada, porque por vezes tomam-se decisões políticas sem haver informação científica fidedigna a sustentá-las”. A evidência científica e a transparência são, assim, “a base dos estudos do Grupo de Alto Nível”.

O parecer sobre as emissões



dos automóveis propõe um sistema “o mais representativo possível da média das emissões reais a nível mundial, que tenha em consideração as melhores tecnologias”. O documento diz que a UE quer introduzir em setembro um ciclo de testes de laboratório mais realista, o WLTP (Worldwide harmonized Light vehicles Test Procedure), “que permita uma redução substancial das diferenças” entre resultados dos testes de laboratório e emissões reais

dos veículos em circulação, “mas que não as vai eliminar”. Por isso, o WLTP “deverá ser complementado pela monitorização contínua das emissões reais”, por relatórios sobre o consumo de gasolina ou gásóleo dos automóveis e “por ações que criem confiança nos consumidores sobre o sistema regulatório europeu”, como tornar públicos todos os dados do processo de aprovação dos novos modelos automóveis.

vazevedo@expresso.imprensa.pt

**Carlos Moedas** Comissário europeu da Investigação, Ciência e Inovação

## “Devemos fazer política com base na ciência”

Há uma “mudança de paradigma na maneira de fazer política” que está a emergir na Comissão Europeia (CE), afirma Carlos Moedas. Essa mudança deve-se ao Grupo de Alto Nível de Conselheiros Científicos criado pelo comissário, que fornece à CE informação independente sobre temas em que a ciência é crítica para o desenvolvimento de políticas ou de legislação da União Europeia.

**Que balanço faz do primeiro ano de trabalho do Grupo de Alto Nível de Conselheiros Científicos da CE?**

Um balanço muito positivo, porque é algo muito recente na maneira de fazer política na UE. É preciso dar aos políticos a informação necessária para tomarem decisões, apesar de a política poder tomar decisões que não são aquilo que os cientistas pensam. Como diz Peter Gluckman, conselheiro científico-chefe do primeiro-ministro da Nova Zelândia, a política raramente segue o aconselhamento científico, mas deve tê-lo. O político tem, pelo menos, de estar informado, de saber porque não seguiu o conselho científico numa decisão. E o público dá cada vez mais importância a isso.

**A UE tem então de mudar a maneira de fazer política?**

Sem dúvida. E como é dos poucos sistemas supranacionais em que as propostas legislativas são feitas a grande distância, a minha ideia foi que este Grupo de Alto Nível pudesse olhar para aquilo que vem nas propostas da Comissão Europeia e dizer se uma



FOTO LUÍS BARRA

determinada proposta deve ter aconselhamento científico.

**Quando Durão Barroso foi presidente da CE já havia um conselheiro científico.**

É verdade, mas achámos que assim as coisas não iriam funcionar. Desde logo pelas diferenças culturais entre os vários Estados-membros e porque os comissários europeus são muitos, sendo por isso necessário ter uma diversidade de conselheiros científicos. Por isso criámos um grupo de sete cientistas, que não foram escolhidos politicamente. Aliás uma das pessoas que fizeram par-

te do comité de identificação deste grupo foi o ex-comissário europeu António Vitorino. Quisemos escolher os melhores cientistas da Europa para nos aconselharem.

**Agora o aconselhamento científico já funciona?**

Ao princípio não sabia se ia resultar, porque os conselheiros tinham nacionalidades e especialidades muito diferentes e é difícil pôr um grupo de cientistas de alto nível a funcionar ao mesmo tempo. Mas deram-se muito bem e reforçámos os serviços de apoio, pondo 25 pessoas a trabalhar com eles.

**Em que tema começaram a trabalhar?**

Com as emissões de CO<sub>2</sub> nos automóveis, depois com a cibersegurança — o parecer vai ser divulgado dentro de dois ou três meses — e estamos a olhar para outros temas como os oceanos, a alimentação e as novas técnicas de edição genética — o chamado CRISPR —, que é uma das grandes inovações científicas que pode mudar o nosso futuro. A maneira como emergiu mostra bem como devemos deixar os cientistas trabalhar e não obrigá-los a seguir um determinado caminho. Assim, na edição genética o objetivo

“A POLÍTICA RARAMENTE SEGUE O CONSELHO CIENTÍFICO, MAS DEVE TÊ-LO”

“ESCOLHEMOS OS MELHORES ESPECIALISTAS DA UNIÃO EUROPEIA PARA APOIAREM A COMISSÃO COM BASE NA EVIDÊNCIA CIENTÍFICA”

Eu sou apenas um intermediário. Os meus colegas da Comissão, como é o caso de Miguel Cañete, comissário para a Ação Climática e Energia — que pediu o estudo sobre o CO<sub>2</sub> — ou Andrus Ansip, comissário para o Mercado Único Digital — que pediu o estudo sobre cibersegurança —, é que são os “clientes” deste Grupo de Alto Nível. E usam depois a informação para as decisões que têm de tomar e que apresentam ao Parlamento Europeu. É sem dúvida uma mudança de paradigma na maneira de fazer política.

**Com o parecer entregue, o que vai fazer Miguel Cañete?**

Vai fazer uma proposta legislativa ao Parlamento Europeu com base no parecer, e pode apresentá-lo aí como relatório independente para fundamentar a sua proposta, porque nós não temos qualquer influência nas conclusões desse relatório. Isto é fazer política com base na ciência. Se não tivéssemos o relatório, o comissário ia fazer uma proposta baseada nos serviços da Comissão Europeia, mas essa proposta, por definição, era feita através de pessoas que não são independentes, devido às funções que ocupam.

**Qual vai ser o grande desafio da regulação da UE no futuro?**

Vai ser como regular a tecnologia sem travar a inovação. Hoje tentamos regular um futuro que não conhecemos, e isso é um dos grandes desafios, a *smart regulation*. Como é que a regulação pode ser dinâmica? Estamos neste momento a trabalhar muito nesta ideia.

**Como é que este aconselhamento é usado pela CE?**